

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

217

INSCRIÇÕES 774-776



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

ARA ROMANA DO MONTE DO CLEMENTE
(ASSUMAR, MONFORTE)
(*Conventus Pacensis*)

Ara romana identificada no Monte do Clemente (coordenadas 39° 08' 59" N, 7° 29' 30" W), freguesia de Assumar, concelho de Monforte. Pertence o monte a familiares do Conde de Murça, cujos rendeiros facilitaram a sua cedência para ser guardada nas instalações da Câmara Municipal de Monforte¹.

A descoberta vem na sequência das informações colhidas por um de nós (C. F. – FIG. 1), que, seduzido pelas descrições de Mário Saa, deu em percorrer esses montes e, numa dessas andanças encontrou as ruínas do Monte do Clemente, onde identificou também restos de estruturas arquitetónicas antigas e até peças de granito pertencentes a um lagar de vara, provavelmente romano.

O monumento estava no meio de entulho atribuível a várias épocas, resultante, como conseguimos apurar junto do rendeiro da propriedade, do desmoronamento natural da velha casa. Há também restos dum lajeado que encosta a um muro de aparência romana.

De granito da região, a ara (FIG. 2), moldurada nas quatro faces, tem uma forma que recorda monumentos dessa área geográfica, inclusive pelo aspecto robusto que as dimensões da base (29 x 51 cm) lhe conferem, a indicar que, dela, apenas a parte superior – rudemente moldurada, aliás, com toro saliente

¹ Agradecemos à Dra. Paula Morgado, arqueóloga municipal, as diligências prontamente feitas para que o monumento desse entrada no Gabinete de Arqueologia da C. M. de Monforte.

seguido de ranhura – não ficaria enterrada. O capitel apresenta toros laterais lisos, de 5 cm de altura, a enquadrar a face superior lisa (?); está separado do fuste por moldura (com um total de 18 cm de altura) de três toros e dois meios-redondos côncavos.

Ostenta inscrição no fuste assaz danificado, o que muito dificulta a identificação dos caracteres, dificuldade que se manteve, nomeadamente nas linhas 4 a 6, mesmo após o recurso ao tratamento digital das imagens².

Dimensões: 104 x 42,5/32/51 x 40/35/44.

Campo epigráfico: 50 x 32.

Letras mui descuidadas, irregulares no traçado e nas dimensões.

No começo da l. 1, antes do O, bem circular, descortina-se bem a letra C; a 3ª letra será V, de que se adivinha a haste esquerda; e há uma haste vertical de traçado não muito nítido devido ao esboroamento que a superfície sofreu aí; depois, parece estar TI. A leitura *Coutius* afigura-se-nos, pois, verosímil, estando o S no começo da l. 2. Nesta, depois do espaço, poderá ler-se TVRE, estando o I no debrum. Na l. 3, F, espaço e A seguido de espaço para duas letras. A hipótese ARE/NT[IO] afigura-se-nos possível; na l. 5, ilegível, estaria o epíteto divino.

Na l. 6, foi gravado A L · , não se distinguindo a 3ª letra. É a fórmula votiva final A(*nimo*) L(*ibens*), faltando S(*olvit*) ou P(*osuit*), inclinando-nos mais para P(*osuit*), com base no facto de se tratar de um monumento de singulares dimensões.

Propomos:

COVTI[V]/S · TVRE[I] / F(*ilius*) · ARE/NT[IO] [?] / ⁵
[ANC?] / A(*nimo*) · L(*ibens*) · [P(*osuit*) ?]

Cúcio, filho de Tureu, colocou, de livre vontade, a Arêncio (...)

² Agradecemos, mui penhoradamente, a Alexandre Canha as diligências persistentemente feitas para obter uma visibilidade melhor dos esbatidos caracteres gravados.

Será o segundo testemunho do culto a esta divindade indígena encontrado no *Conventus Pacensis*, quando a maioria dos seus testemunhos provém da área central da Lusitânia, o que também demonstra a permanência de um estrato cultural pré-romano, como o prova igualmente a identificação do dedicante, à maneira indígena. *Coutius* é antropónimo lusitano³, assim como o seu patronímico *Tureus*, que Vallejo Ruiz considera «antropónimo lusitano en área tipicamente indígena» (2005: 441), área que, porém, com estes exemplos se alarga um pouco mais para Sul, ultrapassando o rio Tejo.

É bem possível que a divindade venha identificada com um epíteto tópico ou etnonímico; contudo, o mau estado da epígrafe ao nível das linhas 4 e 5 impede-nos de avançar com uma hipótese de interpretação.

Pela tipologia e atendendo ao que se conhece da epigrafia da zona, esta ara funerária poderá ser datável da 1ª metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
CALHAU FERRO
JORGE DE OLIVEIRA

³ VALLEJO RUIZ, José María (2005) – *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, p. 295.



1



2

774

VT(ere) F(elix) NUM ANEL DE OURO
DE IDANHA-A-VELHA

Em 1983, um dos signatários desta nota (J. B.) teve conhecimento de que, durante trabalhos agrícolas no Vale de Conde, propriedade situada nos limites da aldeia de Idanha-a-Velha, se tinha encontrado um anel de ouro. A peça, adquirida pelo Estado por trinta mil escudos, foi incorporada na colecção de ourivesaria do Museu Francisco Tavares Proença Júnior em 1988¹.

À superfície do Vale do Conde – atravessado por um antigo caminho que conduzia a Alcafozes – identificaram-se fragmentos de *terra sigillata*, cerâmicas de construção e de armazenamento datados do período romano, vestígios de estruturas ligadas, possivelmente, à gestão da paisagem rural de *Igaedis* ².

¹ DIAS, Patrícia Leitão, *Museu de Francisco Tavares Proença Júnior: roteiro das coleções*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2006, p. 42.

² Sobre este arqueossítio: BAPTISTA, Joaquim, *Carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha*. Vila Velha de Ródão, 1998; PEDROSA, Vítor, *Territórios teóricos de exploração e área de influência na Egitânia: trabalho de Seminário*. Coimbra, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, 1996; LACERDA, Sofia; OSÓRIO, Marcos; CARVALHO, Pedro, «Contributo para o estudo do povoamento rural de *Igaedis* (*civitas Igaeditanorum*) através de um mapa de usos potenciais da terra (MUPT)», *Archivo Español de Arqueología*, 92, Madrid, 2019, p. 226-227.

Desconhecendo-se o seu contexto arqueológico real, é exequível que o anel, para além de revelar um usuário com capacidade económica, possa ter feito parte de um ambiente funerário. Perto do sítio onde foi recolhido, identificou-se, na parede de uma furda abandonada, um *pulvinus*, que apresenta elaborada rosácea. Elementos que rematavam mausoléus em forma de altar, os *pulvini* destacaram-se durante o século I d. C. nas necrópoles do território da *civitas Igaeditanorum*³. Algumas das placas e dos silhares epigrafados do excecional conjunto de inscrições recolhido em Idanha-a-Velha integraram estas arquiteturas funerárias, suportes comunicacionais entre os quotidianos dos vivos e os horizontes dos mortos⁴.

A cidade de *Igaedis* afirmou-se como um pequeno centro na gestão e na circulação dos recursos metalíferos, principalmente auríferos, explorados neste interior da Hispânia. A sua riqueza metalífera modelou e simbolizou de forma indelével a paisagem determinando dinâmicas de povoamento, mobilidades sociais, circulações monetárias e comportamentos culturais⁵. Apontemos, como exemplos, a presença de migrantes clunienses no território ou a ara identificada em Idanha-a-Velha que *Tiberius Claudius Rufus* dedicou a Júpiter por ter “encontrado” cento e vinte (?) libras de ouro, epígrafe que corporiza uma das mais relevantes fontes da história económica da área ao tempo dos romanos⁶.

³ SALVADO, Pedro Miguel; BIZARRO, Joana, «Um pulvinus da Quinta de S. Domingos (Aldeia do Souto) Covilhã», *Ebvrobriga*, 9, Fundão, 2018, p. 55-58.

⁴ SÁ, Ana Marques de, *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2007.

⁵ SÁNCHEZ-PALENCIA, Javier; PÉREZ GARCIA, Luís Carlos, «Minería romana de oro en las cuencas de los ríos Erges /Cerjas y Bazágueda (Lusitania): la zona minera de Penamacor-Meimoa», *Actas das 2^a Jornadas de Património da Beira Interior: lusitanos e romanos no nordeste da Lusitânia*, Guarda, 2005, p. 267-307.

⁶ ENCARNÇÃO, José d'; SALVADO, Pedro; BATATA, Carlos; BAPTISTA, Joaquim, «Gestão aurífera e afirmação epigráfica: o caso de *Tiberius Claudius Rufus* (CIL II 5132) de Idanha-a-Velha», *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu Abrantes*, 2011, p.109-121; ALARCÃO, Jorge de, «Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – VI», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, Lisboa, 2012, p. 113–137.

O *anulus*, de forma circular, é de secção rectangular com mesa plana elíptica. O aro, laminado por martelagem, é fechado, estreitando-se levemente para a parte posterior. O seu estado de conservação é completo e a altura da lâmina variável. Pesa 1,73 g. e apresenta um diâmetro máximo de 1,9 cm. Número de inventário do Museu Francisco Tavares Proença Júnior: 88.15. Na mesa, incisa a estilete fino e com caracteres bem desenhados, inscreveu-se *VTF*. A gravação é delimitada por uma cartela linear. Medidas: Campo epigráfico: alt. 6 mm x larg. 12 mm; altura das letras 3 mm.

Singelo trabalho de um ourives ou de um *brattarius* quiçá com oficina na localidade⁷, as suas dimensões remetem para um usuário adulto de dedos finos.

Sempre utilizada como “amuleto” de desejo de boa sorte, *Utere Felix* (‘usa-o com felicidade!’), fórmula composta pela palavra *felix* a que se acrescentou o imperativo do verbo *utor*; foi utilizada em variados suportes e matérias⁸. Há paralelos peninsulares do anel igitano⁹ nos quais se gravou a fórmula, como a peça descoberta em Paraje de Marismilla (Riotinto-Nerva), em Huelva, no Sul de Espanha¹⁰, ou a recentemente publicada por Martínez Chico proveniente, em princípio, de Sevilha.

A sigla *VTF* já consta na epigrafia anelar da Beira Interior num exemplar, também de ouro, do “tesouro” proveniente do sítio da Borralheira, Teixoso, Covilhã¹¹. *VTF*, seguindo a interpretação de Justino Mendes de Almeida, era a expressão «de um quase voto, como se se desejasse que o proprietário do anel o usasse e fosse feliz

⁷ RODRÍGUEZ NEILA. «El trabajo en las ciudades de la Hispania romana», *El trabajo en la Hispania romana*, Madrid, Silex, 1999, p. 9-115.

⁸ MARTÍNEZ CHICO, David, «*V(tere) F(elix)* nuevo anillo hispano de oro», *Ficheiro Epigráfico*, 207, Coimbra, 2020, 12.

⁹ GIMENO PASCUAL, Helena, «*Ad hominum luxuriem facta*: inscripciones de Hispania en objetos de lujo. I. Anillos de oro y plata», *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, X, Barcelona, 2012, p. 207-227.

¹⁰ PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; DELGADO DOMÍNGUEZ, Aquilino; REGALADO ORTEGA, María Cinta, «El asentamiento romano en el Paraje de Marismilla (Riotinto-Nerva, Huelva)» *Paisajes, tiempo y memoria: acercamientos a la historia de Andalucía*. Huelva, 2012, p. 45-82.

¹¹ ALARCÃO, Jorge de, *Arqueologia da Serra da Estrela*, Lisboa, Instituto de Conservação da Natureza, 1993, p. 40.

enquanto o usasse»¹².

Poderá ser datado entre o século III e o IV d. C., tempos em que se generalizou o uso de anéis áureos e o costume de epigrafar o voto *utere felix*.

Nos nossos dias, na desertificada aldeia de Idanha-a-Velha, um quotidiano de mãos dadas com a felicidade compõe uma memória diluída. Apesar das turistificações dominantes, o futuro não será dourado para este território há milénios central, e hoje classificado de “baixa densidade”.

Os dedos há muito partiram, restaram alguns anéis...

PEDRO MIGUEL SALVADO
JOAQUIM BAPTISTA

Foto: José Pessoa



¹² ALMEIDA, Justino Mendes de, «*De minimibus...* nótulas várias de epigrafia», *Conimbriga*, 4, Coimbra, 1965, p. 59-80.

EPITAFIO DE *BOVTIA* EN DE MADROÑERA, CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

La localidad de Madroñera se encuentra cerca de Trujillo en dirección hacia La Sierra de las Villuercas. Es un paisaje de dehesa, donde no faltan las tierras de labor, que en época romana debió de acoger algún núcleo de población rural y donde debieron de proliferar asentamientos tipo *villae* dedicados a la explotación de los recursos agropecuarios de la zona. Aunque la epigrafía que ha llegado hasta nosotros no es especialmente numerosa, sí conviene resaltar la interesante muestra de inscripciones votivas documentadas, que superan con mucho a las funerarias, normalmente más abundantes¹. Hasta la fecha se han contabilizado seis epígrafes, de los cuales cinco son invocaciones a divinidades, tanto romanas como indígenas, y una funeraria, a la que hay que agregar la que aquí presentamos. Dos de los textos votivos está dedicados a Bellona, uno de ellos en forma de ara de grandes dimensiones procedente de “El Toril”; al igual que una gigantesca ara dedicada a Júpiter Óptimo Máximo, hallada en el mismo lugar. En “La Mohadilla” se descubrió recientemente una ara dedicada a Hércules; y en “Los alijares” otra a Bandua Roudaeco.

La inscripción se descubrió en una finca, propiedad de Francisca Vaquero, vecina de Trujillo².

Se trata de una estela elaborada en pizarra con forma irregular

¹ Para las inscripciones de Madroñera véase ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* [CILCC II], Cáceres 2012, n^{os} 629-633.

² Nuestro agradecimiento a Francisca Vaquero por la acogida que nos dispensó en su casa de Trujillo y por las facilidades para el estudio de la inscripción.

rota en la parte superior y en el lado izquierdo. La rotura afecta al texto que está incompleto, aunque puede leerse íntegramente. El neto inscrito ocupa todo el soporte a excepción de una pequeña franja en el lado inferior, algo más estrecho, que pudo servir para ser hincada en la tierra en posición vertical.

[B]OVTIA *vel* BOVTIAE
[A]RAVI F(*ilia*)
HIC SITA E-
[S]T · S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) L(*ewis*) AN(*norum*)
5 XXV (*quinque et viginti*)
CADARV[S]
CANTONI
VXORI
[F(*aciendum*)] C(*uravit*)

«Boutia, hija de Aravo, de 25 años, aquí yace, que la tierra te sea leve. Cadaro, hijo de Cantono, a su esposa procuró hacerlo».

La factura tosca y el empleo de la pizarra de la zona indicarían que el entorno del difunto prescindió de los servicios de un taller especializado y prefirió elaborar el epitafio en el seno familiar para ahorrar costes. Las letras, con surcos muy anchos parecen haber sido grabadas a base de un rascado con un objeto punzante sobre la superficie blanda de la pizarra. Como resultado de lo cual las letras son muy desiguales tanto en el *ductus* como en la profundidad del grabado y no siempre guardan la alineación al tener que salvar las irregularidades del neto inscrito. Además, algunos renglones no son paralelos y se inclinan hacia arriba. Con todo se observa una cierta estética en la composición. La interpunción es en punto y se distribuye irregularmente. Las astas de las SS no son curvas, sino rectas; las NN con ángulos descentrados y giradas hacia arriba; y algunas AA no llevan travesaño.

Línea 1: La rotura mutila el nombre de la difunta que debe de ser *Boutia*, en nominativo, o en dativo *Boutiae*. Falta parte de la O inicial; así como la A final de la que solo se conservan los extremos inferiores, el ángulo superior ha desaparecido. Al final de la línea hay espacio suficiente para la E del dativo.

Línea 2: Antropónimo de la filiación, seguramente *Aravi*,

seguido de la F de *filius*. Falta igualmente la letra inicial, que por el contexto tiene que ser una A, el resto se lee sin dificultad.

Línea 3: Inicio de la fórmula funeraria que va en desarrollo. Falta parte de la H inicial. La T está desplazada hacia arriba.

Línea 4: Se completa la fórmula funeraria, ahora en abreviatura, seguido de AN de *annorum*. Falta la S inicial aunque no se puede descartar que vaya al final de la línea anterior.

Línea 5: Contiene únicamente el numeral de la edad.

Línea 6: Antropónimo del dedicante, *Cadarus*. Las letras van ascendiendo hasta invadir la línea anterior. Parte de la S final se ha perdido.

Línea 7: Antropónimo de la filiación del dedicante, seguramente *Cantoni*, con ANT enlazadas.

Línea 8: La X de *uxori* es de menor tamaño, está muy desgastada y desplazada hacia la parte inferior, al contrario que la O que lo hace hacia arriba.

Línea 9: La defoliación de la pizarra en la parte inferior derecha ha podido mutilar la fórmula final, aunque es posible también que el operario quisiera grabar solamente la C de *curavit*.

El uso de la pizarra es poco frecuente en la epigrafía funeraria de la provincia de Cáceres y, como en el caso de esta de Madroñera, suelen ser elaboraciones muy toscas, impropias de cualquier taller que se precie y elaboradas seguramente también en el entorno familiar. Que recordemos, solo se conocen seis casos en la epigrafía cacereña, procedentes de las localidades de Brozas³, Logrosán⁴, Monroy⁵, Nuñomoral⁶, Villamesías⁷ y Zorita⁸.

En la inscripción se conmemora a *Boutia* por parte de su esposo *Cadarus*, dos individuos netamente indígenas a juzgar por la procedencia de los nombres y su esquema onomástico. La relación

³ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba* [CILCC I], Cáceres 2007, 110.

⁴ CILCC II, 612.

⁵ CILCC I, 231.

⁶ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres III. Capera* [CILCC II], Cáceres 2013, 1001.

⁷ CILCC II, 861.

⁸ CILCC II, 902.

de nombres que aquí aparecen no son, por lo general, muy comunes, salvo el antropónimo de la difunta, *Boutia*, ampliamente documentado tanto en la epigrafía de Lusitania en general como en la cacereña en particular. No lo es tanto el de su filiación, *Aravi*, que cuenta con pocos testimonios en Lusitania, concentrándose principalmente en territorio astur. Hasta la fecha, como antropónimo, es un caso único en la epigrafía cacereña, aunque aparece como nombre de uno de los pueblos que sufragaron la construcción del puente de Alcántara⁹.

El antropónimo *Cadarus* aparece documentado en siete inscripciones seguras, cuatro de las cuales proceden del cuadrante noroccidental de la provincia de Cáceres: una de Valverde del Fresno¹⁰, una de Oliva de Plasencia¹¹ y una de Zarza de Granadilla¹². Fuera de aquí contamos con los testimonios de Monterrubio de la Serena (Badajoz)¹³, Villardiega de la Ribera (Zamora)¹⁴, Fortios (Portalegre)¹⁵ y el de un soldado emeritense fallecido en Deva (Chester, Inglaterra)¹⁶. Además contamos con una probable *cognatio* *Cadaricum* en la localidad leonesa de Riaño¹⁷.

Cantonus, por su parte, es un nombre típicamente lusitano y sus testimonios epigráficos se concentran en la provincia de Cáceres, donde se conocen tres inscripciones con este nombre. En la *deditio* de Alcántara, fechada en el 104 a. C., uno de los legados del pueblo de los *Seanoci* dice ser *Cantoni filius*¹⁸; y este mismo nombre se repite

⁹ CILCC I, 19.

¹⁰ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres IV. Caurium* [CILCC IV], 1300 y 1301.

¹¹ CILCC III, 1039.

¹² *Ib.* 1139.

¹³ MADRUGA FLORES (J. V.), “Los epígrafes romanos de Monterrubio”, *Monterrubio de la Serena. Feria y Fiestas* 1996, 11 n° 2 = CIL II2/7.

¹⁴ MARTÍN, M. A. *et alii*, “Actuación arqueológica en el castro de San Mamede o Peña Redonda, en Villardiegua de la Ribera (Zamora)”, *Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo* 18, 2001, pp. 37-38

¹⁵ VASCONCELOS (José Leite de), “Epigrafía do Museu Etnológico (Belém)”, *OAP* 28, 1927-1929, 217, n° 8.

¹⁶ *EE* IX, 1063.

¹⁷ MARCOS VALLAURE (E.), “Nuevas lápidas vadinienses de la provincia de León”, *Tierras de León* 14, 1971, pp. 71-73

¹⁸ *Ib.*, 29.

en dos inscripciones procedentes de Coria¹⁹ y en otra de Casillas de Coria²⁰.

Por la fórmula funeraria completa se fecharía a finales del siglo I o en el II d. C.

JULIO ESTEBAN ORTEGA
JOSÉ ANTONIO RAMOS RUBIO



776

¹⁹ *CILCC* III, nº 1185 bis y 1228.

²⁰ *Ib.* 1163.